

ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE: Atribuição contextuais

Tiago Nicola Lavoura¹
Daniel Presoto²

RESUMO

A ampla produção dos intelectuais da teoria crítica da Escola de Frankfurt serviu como referências para reflexões acerca de como o esporte era um discurso ideológico representante das classes dominantes da sociedade. O fato dos pais estarem presentes e acompanharem a vida atlética dos filhos pode ser uma importante fonte de motivação para eles. Isso porque os filhos dão grande importância aos julgamentos dos mesmos, e querem sempre ser bem vistos diante da presença dos pais. Uma grande questão da influência da torcida no problema da formação esportiva está no fato de a mesma, pela sua simples presença nos “palcos” esportivos, culminar em um processo de observação. Esta situação na qual se encontrava a educação física brasileira era fortemente apoiada pelo governo do estado, que via no esporte a possibilidade da ascensão da economia e do mercado, fortalecendo a imagem do país internacionalmente através das conquistas esportivas. Adiante, discutimos que a grande expectativa dos observadores (torcedores) no contexto esportivo pode contribuir para o agravamento da problematização considerada. Isso porque todas essas vertentes podem gerar uma alteração dos estados emocionais desses jovens atletas no decorrer do momento esportivo.

PALAVRAS-CHAVE: Especialização Precoce. Escola de Frankfurt. Pais

¹ UNIVALE

² ESEFJ

O presente capítulo tem por objetivo encontrar em alguns fatores externos relacionados ao entorno esportivo as causas da especialização esportiva precoce. Para tanto, faremos uma análise de diversos fatores que podem ser atribuídos como conspiradores para tal fato dentro da iniciação esportiva, começando com algumas reflexões acerca da problemática dos acontecimentos históricos relacionados à produção e à eficácia das ações, e também com a racionalização, exploração e dominação do corpo para o aumento do trabalho e o crescimento econômico, e como isto se inseriu no sistema esportivo.

Como um segundo momento, discutiremos como as influências dos pais, técnicos e dirigentes e da torcida podem levar a esse processo de especialização precoce, atropelando a seqüência natural da formação esportiva. Debruçar-nos-emos sobre este tema porque, conforme Sobrinho, Mello e Peruggia (1997) afirmam, qualquer indivíduo envolvido com a prática esportiva, seja um iniciante ou profissional, está sempre sujeito às observações, comentários e críticas da população como um todo, sejam pais, amigos de equipe ou fora dela, torcida, técnicos ou dirigentes, pois todos compõem um grupo social denominado de “expectadores”.

Para Machado (2006) para entendermos a questão da formação esportiva, temos que considerar a sociedade em que estamos inseridos, caracterizada pela extrema competitividade, “levando-nos a competir quase o tempo todo, e onde o ganhar torna-se uma maneira de satisfação, de recompensa ou uma obrigação [...]” (p. 64).

Também vemos a importância de refletir sobre as considerações de Craty (1984), ao afirmar que em nenhum momento no esporte o atleta deixa de receber influência de alguma assistência, ou seja, um fator externo, sendo assistido e observado, seja em momentos de treino ou competição, por colegas de equipe, técnico, amigos, família e torcedores ocultos, transcorrendo olhares e comentários que podem influenciar nos estados emocionais e auto-estima dos sujeitos.

A CRÍTICA AO DISCURSO IDEOLÓGICO DO ESPORTE

A ampla produção dos intelectuais da teoria crítica da Escola de Frankfurt serviu como referências para reflexões acerca de como o esporte era um discurso ideológico representante das classes dominantes da sociedade. Pensadores como Adorno, Benjamim, Habermas, Horkheimer, Jurgen e Marcuse acusavam o caráter contraditório da “conquista racional” do mundo, destacando como a racionalidade técnica e científica converteria o homem num escravo de sua própria técnica, buscando provar que o avanço das ciências, da tecnologia e do progresso industrial cada vez mais afastava o homem da sua condição humana (VIANA, 1994).

Com base nessas idéias, o esporte também era, e ainda é, acusado de tornar o homem refém do sistema econômico vigente, a sociedade capitalista. Desta forma, as críticas marcadas pela utilização de termos como coisificação, alienação, repressão e manipulação incumbiram por associar os sistemas de ação do esporte e do trabalho, orientados pela lógica capitalista. Assim, Torre e Vaz (2006) citam as denúncias realizadas pelos autores da Teoria Crítica do Esporte, acusando o paralelismo entre esporte e trabalho, com características de concorrência, disciplina, autoridade, rendimento e organização, com ênfase na ação repetitiva, mecanicista e estereotipada.

O princípio de rendimento inculcado no esporte, pela busca de recordes, vitória a qualquer custo; as imagens de mitos e heróis devido a seus feitos eternizados em recordes e façanhas, no intuito de utilizar suas imagens para vender sua força de trabalho; a espetacularização da mídia, também com a intenção de ganhar os benefícios do consumo na sua variedade de produtos, através de ibope e venda de materiais esportivos, usando a imagem desses atletas “heróicos”; o surgimento de jargões populares do tipo “vencer no esporte é vencer na vida” (o esporte visto como ascensão social), ou ainda “pratique esportes, esporte é saúde”, disseminando a idéia de que qualquer sujeito, com esforço e dedicação, pode ter sucesso, tudo isto caracterizou o que Viana (1994) alega como tornar a sociedade irracional, transformando a sua produtividade num

fim em si mesma, destruindo, moldando e esmagando, como bem entende e o quer, o desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas.

Acreditamos que todo esse processo de maximização do rendimento presente na sociedade como um todo, e que refletiu nos ideários do esporte em si, contribui para o processo de aceleração da busca por resultados, fato que acaba por sobrepor as etapas da formação de jovens esportistas, visto que tais alunos são submetidos a horas de treinamento, especificamente buscando a perfeição técnica e necessitando alcançar o mais alto padrão do movimento perfeito, tornando estereotipado e mecanizado. Neste processo, acabam por serem descartados todos os benefícios que os jogos lúdicos possuem nesta etapa de formação, e tornando a prática do esporte maléfica para o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo.

Encontramos vários trabalhos de autores nacionais que se baseiam na teoria crítica marxista acusando a enganosa ideologia do esporte alimentada pelas vontades da classe dominante burguesa, tais como Betti (1998), Bracht (1986, 2000), Kunz (2004), Medina (1990), Presoto, Machado e Gouvêa (2006), Torri e Vaz (2006) e Viana (1994). Todos eles, de uma forma ou de outra, inclinam-se a criticar essa “barbarização do esporte”, e suas características de racionalização, supervalorização, sacrifícios e repetições, metrificacão e funcionalidade do corpo, repressão, consciência coisificada, autoritarismo e caráter manipulador.

Essas considerações acima levantadas fazem parte de uma reflexão crítica diante do problema da especialização precoce no esporte, afim de que se possa entender tal fenômeno e o sentido de sua prática como tal. Esse esclarecimento deve propiciar como afirma Machado (2006), trazer a luz ao que está encoberto, desmistificando este caráter de desumanização e alienação dos indivíduos, possibilitando uma valorização à sensibilidade do corpo e a emancipação e libertação dos sujeitos inseridos em tal contexto.

OS FAMILIARES NA PRECOCIDADE DA ESPECIALIZAÇÃO

Sabe-se que a família possui um peso muito grande na vida dos indivíduos, pois é o primeiro contato social logo após o nascimento. No processo de desenvolvimento, alguns comportamentos e atitudes, assim como os valores morais, são influenciados e internalizados pelos comportamentos observados nos pais.

Esse processo de imitação ou modelação de comportamentos é explicado por alguns autores, como por exemplo, por Gusson (1989), como um processo de facilitação social, sendo que é a influência recebida por um indivíduo na presença de outros, e também é explicado por Bandura (1995) pela Teoria da Aprendizagem Social, afirmando que o sujeito internaliza os comportamentos e condutas freqüentemente observadas.

Tendo em vista essa importância da família na vida dos indivíduos, como será essa relação na vida de jovens atletas que estão em um processo de formação esportiva, especializando-se em uma modalidade qualquer, mergulhando em um mundo de competições, comparações e exigências?

Devido ao peso que a família exerce na vida da pessoa, Sobral (2000) relata que na iniciação esportiva os jovens atletas recebem uma grande quantidade de influências externas, e as de maior valor são as da família.

Para Machado (1994) a relação de intimidade entre pais e filhos pode ter algumas conseqüências negativas na vida dos jovens esportistas, como por exemplo, pais que se sentem mais próximos e mais a vontade, ou até mesmo proprietários dos filhos, e exercem uma excessiva cobrança em cima dos mesmos com o intuito de que estes alcancem melhores resultados ou aumentem o desempenho.

O fato dos pais estarem presentes e acompanharem a vida atlética dos filhos pode ser uma importante fonte de motivação para eles. Isso porque os filhos dão grande importância aos julgamentos dos mesmos, e querem sempre ser bem vistos diante da presença dos pais.

Mas o efeito também pode ser contrário se, por exemplo, tornar-se comum os pais assistirem aos jogos dos filhos e realizarem diversos comentários nos momentos posteriores, principalmente se os desempenhos dos jovens não forem tão bons, e os comentários mais infelizes ainda.

Curro (2000) relata que se os pais forem ex-atletas essa relação pode ficar ainda mais complicada, e piora se os pais forem técnicos dos próprios filhos. Segundo dizeres do autor descrevendo o relacionamento dos pais – técnicos de basquetebol – e seus filhos – atletas das equipes dirigidas pelos pais – os jovens sentem-se muito mais cobrados em relação aos demais companheiros de equipe, mesmo os pais afirmando que cobram o mesmo empenho de todos do grupo.

Numa situação um pouco parecida, mais um tanto mais complicada, Machado (1998) afirma que pais ex-atletas frustrados com suas carreiras esportivas podem transmitir esse sentimento a seus filhos, ou ainda buscar nos filhos as realizações, desejos e vontades que não conseguiram alcançar ou realizar enquanto atletas. Estas situações descritas pelo autor são extremamente negativas para jovens atletas, que muitas vezes se vêem pressionados, aumentando a suas responsabilidades tendo que satisfazer alguma vontade ou sonho dos pais. E o grande problema é que essas situações são corriqueiras e comuns, e são motivos de desistências e abandonos por parte dos jovens no esporte.

No trabalho de Barbanti (2005) também encontramos esta problemática, quando o autor afirma que os pais, sem exceção, sempre mantém uma identificação com seus filhos e desejam sempre o melhor para os mesmos. Mas essa identificação passa a ser maléfica quando a mesma torna-se uma extensão daqueles por estes, e conseqüentemente fazendo os pais definirem seus próprios valores em relação ao sucesso dos filhos. Quando isto ocorre, em especial no esporte, os pais se vêem vencedores ou perdedores devido ao sucesso ou insucesso dos filhos, e estes últimos passam a ter a obrigação de vencer, pois a auto-imagem dos pais entre em jogo.

Nesse sentido, o autor dá algumas sugestões para o bom relacionamento entre pais e filhos no contexto esportivo (BARBANTI, 2005):

- Pais devem incentivar os filhos a praticarem esporte, desde que a escolha seja feita pelos jovens;
- Os pais devem demonstrar que o valor da criança não está relacionado com o resultado no esporte, e que seus esforços e dedicação valem muito mais que o “placar final”;
- Devem lembrar que seus filhos praticam uma determinada atividade esportiva para suas próprias alegrias e vontades, não para as suas;
- Os pais jamais devem castigar, brigar, ridicularizar ou punir os filhos por erros ou derrotas no esporte, entre outros conselhos.

No mesmo estudo de Machado (1998) citado acima, ele relata que os pais, por sua aproximação afetiva em relação aos filhos, e também seus poderes de autoridade, tornam-se os torcedores mais ácidos, impondo uma cobrança acima da média, achando-se no direito de gesticular, esbravejar e insultar. O autor afirma que essas condutas podem comprometer as relações dos filhos atletas com os demais companheiros de equipe e até técnicos, gerando problemas de entrosamento e coesão grupal, e conseqüentemente o abandono dos mesmos do esporte.

Diante destes aspectos apresentados relacionados à importância da família, especialmente pais, e a prática esportiva, formação e especialização de crianças e adolescentes, faz-se necessário que os responsáveis pelo trabalho com estes jovens atletas apropriem-se destes conhecimentos, e saibam como conduzir o relacionamento entre pais e filhos de maneira saudável, pensando no contexto, aprendizado e formação esportiva.

A INTERFERÊNCIA DA TORCIDA

A presença da torcida no esporte competitivo é de fundamental importância, pois pode ser fonte de motivação para muitos atletas e equipes em geral. No entanto ela, que deve ser considerada como aspecto fortemente intrínseco no entorno esportivo, pode trazer influências positivas e negativas, pois a mesma é “despertada” segundo as atuações das equipes.

Em meio a este processo, segundo Isler (2003), pode haver transferências dos processos emocionais entre atletas e público, fato este explicado pelas teorias de contágio social, transferência de disposição e sugestão de massa, apontados por Thomas (1983).

Uma grande questão da influência da torcida no problema da formação esportiva está no fato de a mesma, pela sua simples presença nos “palcos” esportivos, culminar em um processo de observação. E a questão da observação pode ser encarada com diferentes olhares pelos observados. Isso porque ela terá diferentes pesos para cada um dos atletas assistidos, pois existem três fatores que interferem nessa questão: a experiência, a modalidade e a personalidade do indivíduo (ISLER, 2003).

Pensando nesses fatores, Isler (2003) cita alguns autores que se posicionam perante as influências da torcida no esporte. Para Singer (1982), quanto mais complexa e de precisão for a habilidade da modalidade em questão e também a exigência do nível de concentração, mais prejudicial pode ser a presença da torcida, mesmo que o indivíduo tenha um bom domínio da modalidade. Este fato é explicado por Magill (1984), acusando que a complexidade da tarefa aumenta os níveis de ansiedade-estado. Já Cirulli e Machado (1997) afirmam que a presença da torcida em momentos de prática onde o atleta possui um bom nível de habilidade e aprendizado da técnica do esporte pode ser positiva, motivando-o. Mas caso o mesmo não possua um bom nível de habilidade da técnica do esporte em questão, o fato de ser observado pelos expectadores pode causar uma maior inibição dos movimentos e descontrole motor, incapacitando-o de atuar perante eles.

Pensando na iniciação esportiva, este fator presencial da torcida torna-se mais complicador ainda, pois os iniciantes ou aprendizes encontram-se na fase de refinamento dos movimentos, e nem todos sairão com uma execução precisa e coordenada. Desta forma, o fato de serem observados pode gerar o sentimento de vergonha, diminuição da concentração, distração e aumento dos estados de ansiedade (CRATTY, 1984, ISLER, 2003; MACHADO, 1998, 2006; MAGNANE, 1969).

A RELAÇÃO ATLETA – TÉCNICO ESPORTIVO

Quando pensamos no relacionamento que técnico e atleta(s) mantêm dentro de uma equipe esportiva, devemos considerar alguns fatores, como a formação profissional de tal técnico, e os laços interpessoais de respeito, reciprocidade, confiança e amizade que eles comungam entre si.

Ao levantar os fatores que podem fazer com que jovens esportistas abandonem o esporte devido à postura dos técnicos com os quais não se compactuam, devemos analisar como foi a formação profissional daquele indivíduo que lidera uma determinada equipe, qual sua visão de ser humano, seus valores e qual é a sua linha de trabalho.

Através dos estudos de Betti (1991) sabemos que os profissionais de educação física tiveram, ao longo dos anos 70 e 80, uma formação profissional extremamente esportivista e mecanicista, na qual a execução da técnica metricamente refinada e perfeita era considerada como fator preponderante, dando-se valor exclusivo aos gestos estereotipados e mecanizados, e pensando-se apenas na competitividade esportiva e na busca da vitória a qualquer preço.

Esta situação na qual se encontrava a educação física brasileira era fortemente apoiada pelo governo do estado, que via no esporte a possibilidade da ascensão da economia e do mercado, fortalecendo a imagem do país internacionalmente através das conquistas esportivas (BETTI, 1991).

Dessa forma, os princípios da educação física, inclusive no aparelho escolar, eram os de seleção e de rendimento, exclusão dos menos habilidosos e a busca por vitórias a todo custo.

Refletindo sobre essas questões, se no ambiente escolar as exigências para a conquista de resultados já era pesada, imaginem em clubes esportivos, associações ou escolinhas de esportes. Acreditamos, pois, que devido às circunstâncias contextuais da época, enraizou-se – e ainda se mantém presente – essa apreciação maléfica pela vitória na formação e no crescimento de jovens indivíduos inseridos na prática esportiva.

Além dessas considerações, Sobrinho, Mello e Peruggia (1997) nos alertam que devemos considerar fatores de ordem econômica, de ordem política e outros de ordem social. Por exemplo, as pressões que os técnicos sofrem por parte dos patrocinadores e dirigentes, tendo que sempre apresentar um bom resultado em determinada competição ou temporada, questões contratuais e salariais, prêmio em dinheiro por vitória, bônus e outras coisas mais. Também notamos a influência da mídia interferindo nessa relação, pois a mesma enaltece sempre os que conquistam as vitórias, e apedreja aqueles que não obtiveram um resultado satisfatório.

Em suma, todos esses fatores devem ser pensados para entendermos a relação entre técnicos e atletas, e talvez porque tais técnicos venham a ter uma postura com exigências enormes diante de seus atletas (o que não justificava tal fato), mesmo os que estejam iniciando no esporte.

Importante também talvez seja conscientizar os próprios atores principais do cenário esportivo – técnicos e atletas – dessas informações, para que os mesmos saibam lidar com essas questões, e não ocorram desistências e abandono de atletas da prática esportiva, especialmente dos iniciantes, pela pressão e cobrança na busca de resultados.

Para que um técnico saiba respeitar o tempo de formação de jovens esportistas, se faz necessário que o mesmo tenha domínio dos seguintes conteúdos:

- Crescimento e desenvolvimento humano: princípios e fatores que regulam o crescimento, e as influências da atividade física neste processo, puberdade, adolescência e desenvolvimento sexual;
- Condições de aprendizagens de movimentos: aquisição e fases de aprendizagem das habilidades motoras;
- Formação de jovens esportistas: treinamento para crianças e adolescentes, frequência e duração de treinos, critérios para formação de grupos, procedimentos e sistemáticas de formação atlética;
- Preparação física de jovens no esporte: capacidades físicas envolvidas, princípios gerais de treinamento e preparação muscular e sobrecarga;
- Aspectos psicopedagógicos de formação esportiva: noções de formação de personalidade, desenvolvimento cognitivo, questões afetivas, estados emocionais e estados de humor, aspectos motivacionais, agentes estressores, socialização, relações intrapessoais e interpessoais, resolução de problemas, estimulação da criatividade e autonomia, princípio da diversidade e da alteridade, e formação e coesão grupal.

ENCERRANDO NOSSAS REFLEXÕES

Neste momento caminhamos no intuito de encerrar nossa linha de raciocínio, mesmo sabendo que não demos conta de pautar todo o assunto relacionado aos fatores externos que podem ser associados com a especialização precoce.

Como pudemos analisar, a questão da formação esportiva e toda a problemática que envolve a precocidade da especialização dos indivíduos pode receber um olhar muito mais abrangente, contextualizando os problemas, reflexões e pressupostos da sociedade como um todo, como foi feito em nosso

primeiro momento, parafraseando com alguns autores e fazendo uma profunda discussão a respeito do tema.

Adiante, discutimos que a grande expectativa dos observadores (torcedores) no contexto esportivo pode contribuir para o agravamento da problematização considerada. Conforme anteriormente comentado, a lista de fatores externos que podem influenciar na formação esportiva necessita ser pertinentemente melhor estudada e compreendida pelos profissionais das áreas da Educação Física e Psicologia do Esporte, como a interferência da família, namorados, pais, técnicos, amigos, imprensa, fãs, torcedores, entre outros. Isso porque todas essas vertentes podem gerar uma alteração dos estados emocionais desses jovens atletas no decorrer do momento esportivo. Conforme afirma Machado (2006, p.63):

Não há motivo para negligenciarmos nossas atenções diante de qualquer manifestação externa, uma vez que qualquer tipo de torcida e sua atuação são fatores que interferem direta ou indiretamente em atletas, com uma composição que vai da família do jogador até a torcida organizada, do telespectador no campo ou ginásio ao telespectador pela televisão ou rádio, da imprensa ao técnico, e os próprios companheiros de equipe, entre outros elementos.

Enfim, tendo conhecimento do impacto psicológico e sócio-afetivo que a presença dos expectadores pode causar (ou não) no ambiente esportivo, essas reflexões devem ser consideradas por aqueles que trabalham, dirigem e atuam no “palco” do esporte, para que, usufruindo as palavras de Sobrinho, Mello e Peruggia (1997, p. 79), “[...] a vida do atleta não se resuma em jogar e ganhar (ou perder), mas em sentir prazer diante da atividade físico-esportiva por ele escolhida, e que deve ter caráter duradouro [...]”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBANTI, V. J. *Formação de sportistas*. São Paulo: Manole, 2005.

BETTI, M. *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, M. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papyrus, 1998.

BRACHT, V. *A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista*. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 7, n. 2, 1986, pp. 62-68.

BRACHT, V. *Esporte na escola e esporte de rendimento*. Rev. Movimento, ano VI, n. 12, 2000, pp. 14-24.

CIRULLI, A. A.; MACHADO, A. A. A torcida e o momento sportivo. In: MACHADO, A. A. (Org.). *Psicologia do Esporte: Temas Emergentes I*. Jundiaí: Editora Ápice, 1997, pp. 143-164.

CRATTY, B. J. *Psicologia no esporte*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Prentice-Hall do Brasil Ltda, 1984.

CURRO, L. *Pais e filhos*. Folha de S. Paulo. Caderno Esporte. 11 de Fevereiro de 2000.

GUSSON, M. *A família: aspectos relevantes para a prática sportiva*. Monografia (Graduação em Educação Física). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1989.

ISLER, G. L. *Atleta, como seus pais o motivaram para a prática sportiva? Análise das histórias de vida*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 6ª ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

MACHADO, A. A. *Aspectos psico-pedagógicos da competição sportiva escolar*. Tese (Doutorado). Universidade de Campinas, Campinas, 1994.

MACHADO, A. A. *Interferência da torcida na agressividade e ansiedade de atletas adolescentes*. Tese (Livre Docência). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

MACHADO, A. A. *Psicologia do esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível*. Rio de Janeiro: Guanabara: Koogan, 2006.

MAGILL, R.A. *Aprendizagem motora: conceitos e aplicações*. São Paulo: Edgar Blucher Ltda, 1984.

MAGNANE, G. *Sociologia do Esporte*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1969.

MEDINA, J. P. S. *A educação física cuida do corpo... e "mente"*. 9ª ed. Campinas: Papyrus, 1990.

PRESOTO, D.; MACHADO, A. A.; GOUVÊA, F. C. Esporte na teoria crítica. In: MACHADO, A. A. *Psicologia do esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

SINGER, R. N. *Psicologia dos esportes: mitos e verdades*. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1982.

SOBRAL, F. *Os factores biossociais no rendimento desportivo dos jovens*. Seminário internacional: treino de jovens. Lisboa: Editora Horizonte, 2000.

SOBRINHO, L. G. P.; MELLO, R. M. F. de; PERUGGIA, L. Influências de pais, técnicos e torcida. In: MACHADO, A. A. (Org.) *Psicologia do Esporte: Temas Emergentes I*. Jundiaí: Editora Ápice, 1997, pp. 57-80.

THOMAS, A. *Esporte: uma introdução à Psicologia*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1983.

TORRI, D.; VAZ, A. F. *Do centro à periferia: sobre a presença da teoria crítica do esporte no Brasil*. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 1, 2006, pp.185-200.

VIANA, E. *O poder no esporte*. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.